



OS LUGARES DE MEMÓRIA DOS MOVIMENTOS SOCIORRELIGIOSOS DO CONTESTADO (SC) E DOS MUCKER (RS)

PLACES OF MEMORY OF SOCIO-RELIGIOUS MOVEMENTS IN SOUTHERN BRAZIL: THE CASE OF CONTESTADO (SC) AND MUCKER (RS)

LUGARES DE MEMORIA DE LOS MOVIMIENTOS SOCIO-RELIGIOSOS EN EL SUR DE BRASIL: EL CASO DE CONTESTADO (SC) Y MUCKER (RS)

Daniel Luciano Gevehr¹
Caroline Bilhar da Silva²
Gabriele Alves Garcia³

RESUMO

O artigo analisa as representações sociais construídas e difundidas sobre os movimentos sociorreligiosos do Contestado, em Santa Catarina, e dos Mucker, no Rio Grande do Sul, nos Caminhos dos roteiros turísticos Caminhos do Contestado e dos Caminhos de Jacobina. Através da identificação e caracterização dos diferentes elementos - monumentos, edificações, cemitérios, ferrovias, praças, sítios históricos, museus, empreendimentos turísticos de diversos segmentos - se realiza uma leitura crítica sobre o contexto de produção desses espaços físicos e em que medida eles podem ser considerados como lugares de memória, na medida em que contribuem para o registro da memória desse passado dos dois movimentos sociorreligiosos. Interessa, de forma especial, discutir a relação existente entre a apropriação da memória e a construção dos roteiros turísticos, com propósitos essencialmente econômicos e de com fins lucrativos, descaracterizando e até mesmo criando personagens, fatos e lugares que não correspondem aos acontecimentos que constituem a história dos movimentos em questão.

Palavras-chave: Lugares de memória. Movimentos sociorreligiosos. Roteiros turísticos. Mucker (RS). Contestado (SC).

ABSTRACT

The article analyzes the constructed and disseminated social representations of the Contestado socio-religious movements in Santa Catarina and the Muckers, in Rio Grande do Sul, through the Caminhos do Contestado and Caminhos de Jacobina tourist routes. Through the identification and characterization of the different elements - monuments, buildings, cemeteries, railways, squares, historical sites, museums, tourist ventures of various segments, a critical reading is made about the context of production of these physical spaces and in what measure they can be considered as places of memory, in the measure in which they contribute to the record of the memory of this past of the two socio-religious movements. It is of special interest to discuss the relationship existing between the appropriation of memory and the construction of tourist routes, with essentially economic purposes and with profit motives, characterizing and even creating characters, facts and places that do not correspond to the events that constitute the history of the movements in question.

¹Pós-doutor em História pela PUCRS. Professor titular do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT. Taquara. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: danielgevehr@faccat.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1815-4457>.

²Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT, Bolsista CAPES e Bacharela em Biblioteconomia. Taquara. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: carolinebilhar@sou.faccat.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4120-0634>.

³Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT, Bolsista CAPES e Tecnóloga em Processos Gerenciais. Taquara. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: gabrielegarcia@sou.faccat.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5071-7451>.

cemeteries, railways, squares, historic sites, museums, tourist enterprises of different segments- a critical reading is carried out on the context of production of these physical spaces and to what extent they can be considered as places of memory, insofar as they contribute to the record of the memory of this past of the two socio-religious movements. It is particularly interesting to discuss the existing relationship between the appropriation of memory and the construction of tourist itineraries, with essentially economic and for-profit purposes, mischaracterizing and that constitute the history of the movements in question.

Keywords: Places of memory. Socio-religious movements. Tourist itineraries. Mucker (RS). Contested (SC).

RESUMEN

El artículo analiza las representaciones sociales construidas y difundidas de los movimientos sociorreligiosos del Contestado en Santa Catarina y los Muckers, en Rio Grande do Sul, a través de las rutas turísticas Caminhos do Contestado y Caminhos de Jacobina. A través de la identificación y caracterización de los diferentes elementos - monumentos, edificios, cementerios, vías férreas, plazas, sitios históricos, museos, empresas turísticas de diferentes segmentos- se realiza una lectura crítica sobre el contexto de producción de estos espacios físicos y en qué medida pueden ser considerados como lugares de memoria, en la medida en que contribuyen al registro de la memoria de este pasado de los dos movimientos socio-religiosos. Es particularmente interesante discutir la relación existente entre la apropiación de la memoria y la construcción de itinerarios turísticos, con fines esencialmente económicos y lucrativos, descaracterizando e incluso creando personajes, hechos y lugares que no corresponden a los hechos que constituyen la historia. de los movimientos en cuestión.

Palavras-clave: Lugares de memoria. Movimientos socio-religiosos. Itinerarios turísticos. Mucker (RS). Contestado (SC).

Como citar este artigo: GEVEHR, Daniel Luciano; SILVA, Caroline Bilhar da; GARCIA, Gabriele Alves. Os lugares de memória dos movimentos sociorreligiosos do Contestado (SC) e dos Mucker (RS). **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 13, p. 551-588, 12 dez. 2023. Doi: <https://doi.org/10.24302/drd.v13.4747>.

Artigo recebido em: 13/03/2023

Artigo aprovado em: 06/11/2023

Artigo publicado em: 12/12/2023

1 INTRODUÇÃO

É notável a preocupação cada vez maior com estudos que se propõem a discutir o processo de produção da memória em diferentes contextos, buscando-se compreender as dinâmicas que envolvem o registro, a apropriação e a difusão de memórias. No caso dos movimentos messiânicos brasileiros, como Contestado em Santa Catarina e, Mucker⁴ no Rio Grande do Sul, as pesquisas que problematizam a memória e especialmente os lugares de memória ainda se mostram pouco expressivas e carecem de análises que aprofundem e ampliem o debate sobre as diferentes estratégias e usos políticos e sociais que se fizeram para a construir uma memória sobre esses movimentos sociais, procurando impor e perpetuar determinadas imagens e representações.

Tendo essa questão como ponto de partida, propõe-se um estudo comparativo sobre os lugares de memória produzidos e ressignificados sobre os movimentos messiânicos dos Mucker (1868-1874, RS) e do Contestado (1912-1916, SC), considerando o contexto e as dinâmicas de produção e enquadramento da memória nos dois espaços e tempos nos quais esses movimentos sociorreligiosos ocorreram.

A pesquisa busca identificar e compreender o processo que envolve a criação dos lugares de memória dos movimentos sociorreligiosos dos Mucker e do Contestado, considerando-se o tempo e o espaço que constitui cada um desses processos históricos. Além disso, pretende-se compreender a relação existente entre a produção e reprodução da memória sobre os dois conflitos e a criação dos lugares de memória, bem como caracterizar e analisar os Caminhos de Jacobina e os Caminhos do Contestado, relacionando a problemática dos lugares de memória com a apropriação desse patrimônio cultural pelo Turismo. Numa última etapa da pesquisa, tem-se como finalidade refletir acerca do papel desempenhado pelos lugares de memória no processo de difusão da memória sobre os movimentos sociorreligiosos dos Mucker e do Contestado.

O recorte espacial da pesquisa é o extremo sul do Brasil, tendo os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina como espaços de investigação. No caso do Rio Grande do Sul, enfatizamos a análise no município de Sapiranga, localizado na região do Vale dos Sinos, onde ocorreu o movimento sociorreligioso dos Mucker, entre 1868 e 1874. Além de ser o cenário do conflito no século XIX, Sapiranga é conhecida pelo roteiro turístico Caminhos de Jacobina.

⁴ O termo Mucker tem origem na língua alemã e pode significar santarrão, beato, fanático religioso. Nesse caso em particular, foi empregado para identificar o grupo liderado por Jacobina no Ferrabraz, dando assim um sentido pejorativo ao grupo que protagonizou o movimento sociorreligioso na Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

Mapa 1 – Região do Conflito Mucker, atual município de Sapiranga (RS)



Fonte: UOL (2012).

Já em Santa Catarina a pesquisa tem como recorte os municípios localizados no centro-norte e que constituem a área central do espaço geográfico no qual ocorreu o movimento socioreligioso do Contestado entre 1912 e 1916. No caso de Santa Catarina, optamos por um recorte que considera os municípios de Mafra, Itaiópolis, Três Barras, Canoinhas, Irineópolis e Porto União, Matos Costa, Calmon, Três Barras, Timbó Grande, Monte Castelo, Papanduva, que juntos constituem o roteiro turístico conhecido como Caminhos do Contestado, que assim como os Caminhos de Jacobina, constituem o objeto central de análise da pesquisa.

Mapa 2 – Região do Contestado (SC)



Fonte: Moro (2013)

A partir da identificação do recorte espacial e dos objetivos da pesquisa destaca-se a importância dessa investigação, que tem como propósito fundamental realizar uma leitura comparativa entre os dois contextos do extremo sul do Brasil. Até o momento não identificou-se a publicação de nenhum estudo que tivesse tal pretensão, o que torna essa análise inédita,

uma vez que se busca identificar e discutir possíveis aproximações e distanciamentos nas dinâmicas que envolveram a produção dos lugares de memória e principalmente sobre a trajetória de apropriação desses lugares de memória por parte das atividades turísticas, que acabaram, em parte, se apropriando e ressignificando esses lugares de memória.

Com isso, impõe-se a necessidade de aprofundar e ampliar o debate sobre a questão que envolve a produção da memória e sua vinculação com os lugares de memória – e sua materialidade simbólica – procurando desvendar como, em diferentes épocas e contextos, se produziram imagens e idealizações sobre dois desses movimentos socioreligiosos, o dos Mucker (1868-1874, RS) e do Contestado (1912-1916, SC) e como esses acabam sendo alvo de divulgação e uso por parte das atividades turísticas regionais.

Inicia-se essa discussão com os estudos sobre a memória e seus meandros, realizados por Halbwachs (2004), que servem de base para pensar essa complexa engrenagem que permeia a produção e a apropriação da memória, apontando espacialmente para uma compreensão epistemológica acerca de como os lugares desempenham papel fundamental na construção da memória coletiva. Para Halbwachs, os lugares fazem lembrar de fatos do passado e contribuem para a construção de uma memória coletiva.

Nesse contexto, a construção de monumentos, a nomeação de lugares e a valorização de personagens e vultos históricos estão diretamente associados a uma memória, que ele denomina de memória coletiva. Dessa forma, quando uma comunidade - como é o caso das regiões do Contestado e dos Mucker - elege seus próprios lugares de memória e seus símbolos, heróis e anti-heróis, evidenciam-se os interesses e condicionantes envolvidos nesse processo de construção das representações que se mostram materialmente nos lugares de memória.

Acerca da dinâmica envolvendo a construção dos lugares de memória e a análise das representações sociais, observa-se o que Pesavento (2002) compreende por ressemantização do tempo e do espaço. A autora considera que as transformações (sejam de caráter econômico, social, político ou cultural) são indispensáveis para a correta leitura das representações sociais que foram criadas em um determinado contexto. A época e o espaço nas quais ocorreram as construções dessas representações são fatores importantes para a compreensão da coletividade da qual as representações são partes integrantes.

O significado que os diferentes lugares de memória apresentam são fundamentais para a análise do processo de construção destes lugares, tanto sobre o Contestado quanto sobre os Mucker. A criação desses diferentes lugares, materializados através de monumentos, praças, instituições, etc, vincula-se ao processo de ressignificação dos Mucker, à medida em que tornam-se evidências das visões e emoções coletivas que estavam presentes na época de sua criação, como aponta Meneses (2004) em sua pesquisa.

Fica evidente a eficácia simbólica que os monumentos exercem, inclusive pelo fato de que estão estrategicamente localizados no centro social das cidades. Eles representam as diversas formas de sentir, pensar e expressar os valores coletivos, tal qual fazem os monumentos erigidos na cidade de Sapiranga. Os diversos monumentos da cidade revelam discursos plurais acerca do conflito analisado.

Sob esta perspectiva, observa-se o que Meneses (2004) compreende em relação ao papel desempenhado pelos monumentos. Para o autor, eles objetivam publicizar a memória de algo que é importante para a comunidade, de forma que possuem como mediadores a memória

construída e a história. Desta forma, os lugares de memória constituem-se na materialização dos sentimentos e interesses predominantes de uma época, e esses interesses que determinam a celebração ou condenação de determinados episódios, bem como a memória e esquecimento de seus personagens. Meneses (2004, p.21) ainda afirma que “a História e o Turismo Cultural, em seus limites interpretativos, monumentalizam eventos e musealizam existências”, processo que se mostra bastante evidente na medida em que iremos analisar os lugares que constituem os Caminhos do Contestado e os Caminhos de Jacobina.

A compreensão de que tanto o Contestado quanto os Mucker foram alvos de um amplo processo de ressignificação deriva dessa perspectiva. Os projetos de desenvolvimento do turismo, de ambas as cidades, foram condicionantes para a construção dos pontos turísticos com caráter histórico nos dois lugares. Por fim, Meneses (2004) complementa que durante muito tempo apenas a versão dos vencedores e a memória dos “heróis” fizeram parte das narrativas de memória, enquanto aos derrotados e “excluídos” coube apenas o ostracismo.

O pensamento acima deixa claro os condicionantes envolvidos no processo de construção daquilo que se chama de *lugares de memória* (NORA, 1993), que por sua vez procuram destacar determinados personagens históricos. Fica evidente a exaltação dos personagens tidos como heróis, sua valorização através da materialização em monumentos e museus, da nomeação de lugares e até mesmo da criação de roteiros turísticos.

Dessa forma, a análise proposta se vale das discussões teóricas que procuram dialogar com os conceitos de memória, lugares de memória e suas relações e apropriações pelo turismo. Os tensionamentos que se estabelecem entre essas três categorias permitem melhor compreender a dinâmica de produção dos Caminhos do Contestado⁵ e dos Caminhos de Jacobina, considerando, evidentemente, a época e o contexto de criação de cada um dos roteiros turísticos.

2 ENQUADRAMENTOS DE MEMÓRIAS E REGISTROS

É preciso deixar claro que os lugares de memória atuam, antes de tudo, no sentido de (re)lembrar e também manter viva na memória das pessoas aquilo que se quer mostrar e aquilo que se quer “apagar”. Nesse sentido, Barros (2007, p.45) alerta que “a cidade também fala aos seus habitantes e aos seus visitantes através dos nomes próprios que ela abriga: dos nomes de ruas, de edifícios, de monumentos. Pode-se dizer que o grande texto urbano aloja dentro de si textos menores [...]”.

É nesse sentido que destaca-se a criação dos diferentes lugares de memória [monumentos, praças, edifícios, praças, avenidas, instituições, paisagens culturais, etc.] e vincula-se ao processo de significação dos espaços da cidade, uma vez que consideram-se como evidência das visões e dos sentimentos coletivos que os constituem. Parte-se da ideia de que o

⁵ O estudo detém-se aos municípios que originalmente constituem os Caminhos do Contestado. Não desconhece-se, entretanto, a existência da Instância de Governança Regional (IGR) Vale do Contestado, que reúne 67 municípios. De acordo com informações do próprio sítio eletrônico da IGR, a nova região turística Caminhos do Contestado foi incluída no mapa do turismo, atendendo os interesses dos diversos municípios que se desmembraram do Vale do Contestado e que passou a se chamar de Vale dos Imigrantes (INSTÂNCIA DE GOVERNANÇA REGIONAL VALE DO CONTESTADO. Disponível em: <https://turismo.itaiopolis.sc.gov.br/equipamento/index/codEquipamento/7053>. Acesso em 24 fev. 2023).

espaço pode ser compreendido como resultado das produções humanas, dotado de significados próprios, de acordo com os interesses e motivações dos grupos humanos presentes nesse lugar, que por sua vez o transformam em produzem características culturalmente próprias (CLAVAL, 2014; La BLACHE, 1982; LEFEBVRE, 1991).

Os lugares de memória, nessa mesma linha interpretativa, são expressões culturais da sociedade, inscritas no espaço, tendo como propósito seu registro, que passa a “se pendurar no espaço” (NORA, 1993). Ampliando o debate, Pesavento (2002) defende que a memória é um elemento indispensável para se compreender a construção dos imaginários da cidade, bem como dos lugares inscritos na cena urbana. Jacques Le Goff (2003), por seu turno, afirma que a memória é um elemento essencial do que se chama de identidade e cuja busca é uma das atividades fundamentais da sociedade.

As representações construídas sobre o passado de um local - sejam elas imagens, narrativas ou alegorias, são frutos de uma luta de poderes - por meio da qual determinadas ideias são silenciadas, enquanto outras são publicizadas. Tal fato demonstra que a memória também é um instrumento de poder, por meio da qual produz-se uma luta por aquilo que se deve lembrar ou esquecer, de forma que o passado da cidade também é fruto deste conflito.

Os monumentos históricos são interpretados como manifestações culturais que se materializam através de lugares de memória. Sua leitura crítica, sob a perspectiva de Choay (2001) leva à reflexão acerca do sentido original do termo ‘monumento - derivado do latim ‘monumentum’, por sua vez derivado do termo ‘monere’, sinônimo de advertir e lembrar.

O processo de construção daquilo que deve ser celebrado ou esquecido também é fruto dos sentimentos e percepções da sociedade, uma vez que ela manipula a memória acerca do passado. Neste processo, determinados episódios são postos em evidência ou simplesmente ignorados. A construção dos lugares de memória de uma cidade é fruto deste processo, uma vez que eles passam a representar a história a partir da escolha daquilo que deve ser lembrado ou esquecido - e conseqüentemente, materializado.

A pluralidade das imagens e das representações das identidades, apresentadas por diversas pesquisas recentes acerca das questões da cultura e da identidade, demonstram que estas encontram-se em um complexo campo de luta pela preservação da memória, como aponta Hall (2003). Tanto a cultura quanto tudo aquilo que a ela se associa - material ou imaterialmente- são compreendidos como manifestações do grupo social. A dimensão multicultural e as teorizações acerca desse processo são compreendidos por Hall (2003) como uma característica do mundo contemporâneo.

Nesse âmbito, a produção de relações da cidade - em especial a identidade - está fortemente associada aos costumes herdados pela comunidade, às práticas sociais do cotidiano e também à criação das tradições, conforme aponta Thompson (1998). A questão da imigração nos dois contextos, tanto no Rio Grande do Sul quanto em Santa Catarina, exemplifica essa questão.

A discussão sobre a memória foi ampliada por Candau (2012) por meio de suas pesquisas acerca da rememoração do passado, compreendido com um processo que envolve a modificação da memória, conceito que também é problematizado por Catroga (2011). Para este, o legado deixado pelos antepassados é atualizada e ressignificada, e por meio do processo de

tombamento passa a ter uma significação diferenciada em relação ao bem cultural, ao mesmo tempo em que torna-se oficial.

3 CONTESTADO E MUCKER: UMA BREVE PERSPECTIVA HISTÓRICA

A Guerra do Contestado ocorreu entre outubro de 1912 e agosto de 1916 na região sul do Brasil. O conflito armado envolveu cerca de 20 mil camponeses, que lutaram contra grupos militares estaduais e federais. De acordo com Aura (1984) o conflito recebeu essa nomenclatura por conta da região da disputa - localizada entre os estados do Paraná e de Santa Catarina.

Na época, a construção da estrada de ferro que ligaria São Paulo e Rio Grande do Sul era executada por uma empresa norte-americana. Os coronéis da região - homens com grandes propriedades de terra e forte influência política - apoiavam a empreitada, mesmo que a construção da estrada de ferro gerasse a desapropriação de milhares de famílias camponesas.

Por conta da desapropriação das terras, muitos camponeses ficaram sem lavouras, fato este que gerou desemprego e consequente pobreza às famílias. Aliado a isso, houve um outro fato determinante para a revolta: a empresa que construía a estrada adquiriu uma grande propriedade de terra naquela região, com o intuito de criar uma empresa de exportação madeireira. Essa compra também fez com que muitas famílias fossem expulsas de suas terras, aliando-se às milhares de famílias que também ficaram sem ter onde morar ou trabalhar.

É necessário observar também que grande parte da mão-de-obra empregada na construção da estrada de ferro era oriunda de outros estados. Ao fim da obra, essas pessoas ficaram desempregadas e permaneceram na região, sem qualquer tipo de apoio por parte do governo ou da empresa responsável pela estrada de ferro. Toda essa conjuntura era o cenário ideal para o aparecimento de lideranças políticas e religiosas de cunho messiânico, tal qual as demais regiões extremamente pobres do país.

A insatisfação popular na região do Contestado ganhou representatividade na figura de José Maria, um beato que pregava a criação de um novo mundo no qual todos teriam justiça, paz, prosperidade e terras para trabalhar. Com esse discurso, José Maria arregimentou milhares de camponeses que, em sua grande maioria, viam-se sem qualquer tipo de apoio por parte das autoridades.

Preocupados com a proporção que o movimento tomava, os coronéis da região passaram a articular-se com o governo, apontando o líder José Maria e seus seguidores como traidores e inimigos da República. Um grupo de soldados do exército e policiais foram enviados ao local onde o grupo se encontrava e, após um ataque, o líder morreu no ano de 1912.

Contudo, sua morte foi utilizada pelos camponeses como propaganda para a causa, por meio da divulgação de que místico ressuscitaria e ajudaria o grupo a vencer a guerra. Utilizando instrumentos como facões, espingardas de caça e enxadas, os camponeses resistiram aos ataques até o ano de 1916. Estima-se que entre 5 mil e 8 mil camponeses tenham morrido durante o conflito, que encerrou apenas após a prisão de um dos líderes rebeldes, Adeodato. Sua condenação foi de trinta anos de prisão.

Este conflito demonstra a forma como os líderes políticos e os governos da época tratavam as questões sociais. No início da República, os interesses financeiros de latifundiários e grandes empresas se sobrepujam ao bem-estar da população, sem qualquer tipo de negociação. Qualquer tipo de organização social que se propusesse a subverter a ordem das coisas era desfeita pelo uso das forças do Estado.

Um estudo seminal sobre o Contestado é a tese de doutorado de Espig (2008) na qual a autora mostra como a historiografia militar e a historiografia clássica produzida sobre o Contestado acabaram construindo diferentes narrativas sobre o conflito, que a partir de diferentes perspectivas, contribuíram para a difusão de imagens e representações sobre os personagens e lugares que marcaram o episódio. Espig, nesse sentido amplia o debate sobre o tema, permitindo uma compreensão mais complexa e aprofundada sobre o tema do Contestado.

Cabe destacar que tese de Espig é, no contexto da produção historiográfica mais recente sobre o tema, um trabalho de extrema relevância e traz consigo uma contribuição bastante grande, na medida em que sua abordagem vem avançar a discussão e o conhecimento que possuímos sobre o Contestado. A tese de Espig apresenta um estudo profundo sobre os “turmeiros”, que foram trabalhadores envolvidos na construção da Linha Sul da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (1908-1910), e de forma mais particular no trecho onde, mais tarde, iria se deflagrar o conflito do Contestado (1912- 1916).

Sua pesquisa mostra com riqueza de detalhes como a construção da ferrovia se valeu de corrupção e negociações. A pesquisa permitiu mostrar a imprecisão das afirmações recorrentes na historiografia e que descreviam os trabalhadores da estrada de ferro como homens desclassificados, que teriam vindo do centro do país e que acabaram ficando na região, tornando a região ainda mais violenta em função da luta pela terra. A pesquisa mostrou que um contingente muito significativo de pessoas que se dirigiram até a região era constituído de imigrantes e que parte deles foi trazida também pela Companhia.

Espig (2008) afirma ainda que outros tantos acabaram abandonando, temporariamente, as áreas coloniais do sul do país e de forma especial o Paraná, para buscar ganhos com a construção da estrada de ferro. Ao que tudo indica, a maioria dessas pessoas não permaneceu na região, como poderia se imaginar. A autora chega, portanto, a conclusão de que a participação destes homens no Movimento do Contestado foi bem menos expressiva do que afirmava a historiografia produzida até o início do século XXI.

Outro estudo de fundamental importância sobre o tema é proposto por Tomporoski (2013) que em sua tese analisa o papel desempenhado pela Southern Brazil Lumber and Colonization Company - colonizadora e madeireira norte-americana - e sua atuação na região do planalto contestado, entre os anos de 1910 a 1940. Segundo o autor o modo de vida da população daquela região, com a chegada da companhia as práticas e costumes da população local foram contrapostos às novas relações impostas pela empresa, produzindo diferentes formas de resistência, em especial por parte dos mais pobres, que reagiram contra a inserção do capital estrangeiro e outras tantas formas de dominação, que convergiram para a eclosão do conflito, cujas marcas podem ser percebidas na estrutura social da região até o tempo presente.

É fundamental mencionar o papel desempenhado pelos trabalhos publicados por Espig (2008) e Tomporoski (2013), na medida em que ambas as teses de doutorado, realizadas no

campo da história, contribuem para se revisar diferentes aspectos trazidos de forma mais superficial pela historiografia mais generalista existente sobre o tema e permitem uma maior complexificação dos diferentes elementos que constituem a dinâmica do movimento do Contestado.

Já o conflito Mucker, que ocorreu entre 1868 e 1874 no município de Sapiranga (RS), também marcou definitivamente a história do local. Durante o século XIX o então distrito era parte integrante da Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo, fundada por D. Pedro I em 1824. O confronto, de caráter messiânico, deu-se em um ambiente de profundas transformações socioeconômicas do século XIX, sobretudo no que tange às políticas imigratórias para o sul do Brasil. Após seu desfecho, o caso foi alvo das mais variadas interpretações.

Apontados como protagonistas deste movimento, o casal Jacobina Mentz Maurer e seu marido, João Jorge Maurer, sofreram inúmeras acusações - tanto por parte dos antigos moradores da Colônia quanto pelas autoridades. As delações incluíam, principalmente, práticas de curandeirismo e de realização de cultos na residência do casal, localizada nas imediações do morro Ferrabraz. O local passou a ser associado a um ambiente de fanatismo religioso, de forma que as autoridades passaram a realizar ações que visavam a interrupção destas práticas. Uma das principais preocupações era em relação ao grupo que formou-se em torno da líder, Jacobina. No ano de 1874, com a chegada das forças imperiais lideradas pelo coronel Genuíno Sampaio, houve um conflito armado entre estes e o grupo Mucker. Após um ataque orquestrado à residência do casal, o desfecho foi uma série de mortes de ambos os lados do conflito (GEVEHR, 2015).

Ao considerar-se os diferentes aspectos sociais e históricos que circundam o conflito, é necessária uma análise acerca das imagens construídas e difundidas sobre a líder Jacobina - seja através de fotografias, das artes plásticas e visuais e, especialmente, da monumentalidade - tal qual da construção dos lugares de memória. Neste sentido, destaca-se a vinculação entre cada uma delas com seu contexto de produção, bem como dos interesses advindos dos diferentes grupos sociais que as cunharam.

A princípio, as representações difundidas sobre os Mucker e sua líder Jacobina deram-se através da obra de Ambrósio Schupp, denominada *Os Mucker* (1906). O autor era um jesuíta alemão que chegou ao Brasil no ano de 1874, mesmo ano em que ocorreu o desfecho do conflito. Credita-se ao conteúdo de sua obra a construção de um imaginário coletivo sumariamente negativo em relação a este grupo, difundido entre a população do local. Mesmo após a publicação de outros estudos, como os de Leopoldo Petry (1957), Janaína Amado (1978), João Guilherme Biehl (1991) e Maria Amélia Dickie (1996), que postularam outras versões do conflito, a comunidade sapiranguense pouco mudou sua perspectiva em relação ao grupo, que permaneceu com a pecha de fanáticos religiosos até o início do século XXI.

A carência de fontes documentais concebidas pelo próprio grupo incutiu no fato de que, durante muito tempo, a única versão acerca dos fatos ocorridos fossem os autos dos processos judiciais. As fontes orais, apresentadas exclusivamente por aqueles que derrotaram os Mucker, provocaram uma ausência das vozes dos vencidos: desta forma, o outro lado não teve oportunidade de apresentar sua própria versão dos fatos. Outro ponto fundamental para a análise é a ausência de imagens que possam materializar os personagens e o cenário do conflito, razão pela qual o grupo e sua líder tornaram-se ainda mais enigmáticos.

O único registro visual da líder dos Mucker é uma fotografia cuja veracidade é altamente questionada: a fotografia apresenta Jacobina junto ao seu marido, João Jorge Maurer, encontra-se na obra *A Nova Face dos Mucker*, produzida por Moacyr Domingues após uma exaustiva pesquisa documental (DOMINGUES, 1977, p. 7). Entretanto, a genuinidade da imagem é altamente contestada.

Imagem 1 - Possível fotografia de Jacobina Mentz Maurer e João Jorge Maurer



Fonte: Domingues (1977).

É necessário observar que, além da produção historiográfica que existe acerca do conflito e da difusão de representações e imagens sobre sua líder, o processo de ressignificação do episódio e de seus desdobramentos ocorreu ao longo das décadas que advieram após seu desfecho. Nesse sentido, a imprensa constituiu-se em um importante veículo de divulgação de imagens e representações sobre os Mucker, o que reforçou o imaginário unilateral de fanatismo acerca dos fatos sucedidos no morro Ferrabraz.

Um dos exemplos mais concretos acerca dessas manifestações ocorreu na própria imprensa sapiranguense, que publicou nas décadas de 1950 e 1960 os escritos de Leopoldo Sefrin. A série de reportagens acerca do episódio, veiculadas no *Jornal O Ferrabraz*, apresentou os Mucker como culpados e inculuiu à sua líder Jacobina a responsabilidade por todas as atrocidades cometidas no local. Estas reportagens reforçaram a imagem pejorativa e beligerante do grupo junto à comunidade local.

Já no final do século XX, em especial a partir da década de 1990, inicia-se uma nova etapa de representações e idealizações acerca do conflito Mucker, que iam em sentido contrário do senso-comum até então estabelecido. Nesse novo contexto, destaca-se a obra literária de Antônio Luiz de Assis Brasil: a publicação de *Videiras de Cristal*, romance histórico acerca do tema, trouxe consigo uma nova perspectiva acerca do conflito e seus desdobramentos. Desta forma, a temática ganhou repercussão a nível nacional - até então o assunto era tratado de forma velada na cidade em que ocorreu o massacre. É possível observar que os moradores da região ainda hesitavam tocar no tema Mucker.

A partir deste ponto percebe-se um amplo processo de difusão e ressignificação das imagens e representações acerca dos Mucker e de sua líder Jacobina. O contexto histórico-social encontrado no final do século XX, bem como as perspectivas de desenvolvimento da região, foram fatores condicionantes para a compreensão das diversas ressignificações das quais os Mucker foram submetidos. Sob essa nova perspectiva, o grupo passa a não mais ser visto na condição de culpado, mas passa por um processo de heroização de sua líder, Jacobina, e daqueles por ela liderados (GEVEHR, 2015).

O processo de transformação e ressignificação da criação e difusão de imagens sobre os Mucker torna-se mais evidente ao observar-se o desenvolvimento e a criação daquilo que Pierre Nora chama de 'lugares de memória'. Tais lugares buscam marcar no tempo e espaço a presença dos Mucker, tornando-se alvo de ressignificação à medida em que os interesses presentes - em especial no início do século XXI, associavam-se à ideia de projeção nacional da cidade de Sapiranga, sobretudo por meio do filme *A Paixão de Jacobina*, produzido pela família Barreto em 2002.

4 OS CAMINHOS DE JACOBINA (RS) E OS CAMINHOS DO CONTESTADO (SC)

Nesta etapa do estudo pretende-se percorrer os diferentes lugares de memória que constituem os roteiros turísticos conhecidos como Caminhos do Contestado, em Santa Catarina, e os Caminhos de Jacobina, no Rio Grande do Sul. Através da identificação e caracterização desses lugares, busca-se realizar uma leitura crítica sobre a nomeação desses pontos turísticos, que em diferentes épocas e contextos, foram incorporados aos caminhos que buscam contar parte da história dos dois movimentos sociorreligiosos no sul do Brasil.

A análise proposta baseia-se nas proposições apresentadas em um estudo realizado por Tomporoski (2016) que discute o turismo como estratégia para o desenvolvimento territorial. O texto de Tomporoski sobre a questão do turismo como estratégia para do desenvolvimento territorial ajuda pensar sobre a necessidade de se considerar a historicidade e as questões culturais do lugar, sem artificializa-las ou criar elementos que não correspondem aos fatos históricos que constituem o processo de formação do lugar. Os argumentos apresentados pelo autor em seu trabalho permitem pensar sobre a necessidade de preservar a história e a cultura do lugar, aproximando as estratégias de desenvolvimento local/regional daquilo que de fato existe e pode ser transformado em produto que permite alavancar e promover o desenvolvimento da comunidade.

A discussão teórica proposta pelo autor serviu de base para se pensar a dinâmica que esteve presente na construção dos Caminhos do Contestado e dos Caminhos de Jacobina, na medida em que a memória histórica dos conflitos foram, em grande parte, colocadas em segundo plano, priorizando a criação de lugares voltados essencialmente para o desenvolvimento turístico, sem levar em consideração os fatos e acontecimentos que marcaram os movimentos sociorreligiosos, tanto do Contestado quanto dos Mucker.

4.1 CAMINHOS DO CONTESTADO

Os Caminhos do Contestado reúnem um conjunto de municípios do Planalto Norte-Catarinense, conhecido como cenário do Tropeirismo e da Guerra do Contestado. A região que abrange o roteiro turístico é caracterizada por um mosaico cultural constituído por diferentes etnias, que constituem uma cultura marcada por diversos elementos trazidos pelos imigrantes europeus, mas que ao mesmo tempo se misturam com a cultura dos caboclos e das populações originárias que habitaram a região antes da chegada do processo colonizador. Além dos caboclos que ocupam a região desde a época do conflito armado do Contestado, percebe-se uma expressiva diversidade étnica nos municípios que compõem o roteiro turístico. Exemplo dessa diversidade étnica se traduz através da presença dos descendentes dos imigrantes poloneses, ucranianos, portugueses, espanhóis, alemães, italianos, sírio-libaneses e japoneses, que acabaram contribuindo para o processo de imigração e colonização das terras do Planalto Norte-Catarinense.

Responsável pela criação e gestão dos Caminhos de Jacobina, a Associação de Desenvolvimento do Turismo Caminhos do Contestado é uma entidade privada e sem fins lucrativos. Sua sede localiza-se no município de Canoinhas - SC e reúne ainda os municípios de Mafra, Itaiópolis, Três Barras, Irineópolis e Porto União, Matos Costa, Calmon, Três Barras, Timbó Grande, Monte Castelo, Papanduva, que juntos constituem o roteiro turístico conhecido como Caminhos do Contestado. Esses municípios que abrangem a associação têm como ponto em comum o passado do conflito do Contestado e a memória da trajetória do monge João Maria.

Todavia, chama a atenção o fato de que, embora os Caminhos do Contestado reúnam 12 municípios em sua totalidade, na sugestão de roteiro de visitação proposta no sítio eletrônico oficial da associação aparecem apenas os municípios de Mafra, Itaiópolis, Três Barras, Canoinhas, Irineópolis e Porto União, o que faz questionar a ausência dos demais na proposição do roteiro de visitação oficial.

Os Caminhos do Contestado tem sua identidade visual, que chama a atenção por apresentar no centro da imagem um caminho que corta a imagem, podendo ser interpretado, talvez, como um dos símbolos mais significativos do conflito, que foi a questão da terra e a construção da estrada de ferro, que dividiu não apenas espacialmente a região mas aprofundou as desigualdades entre aqueles que detiveram a posse das terras e os demais, que foram expurgados de seus lotes, o que impactou profundamente a região que reúne atualmente os municípios do roteiro turístico do Contestado.

Imagem 2 – Identidade visual dos Caminhos do Contestado



Fonte: Caminhos do Contestado (2015)

Através da página oficial dos Caminhos do Contestado pode-se conhecer o percurso oferecido aos visitantes interessados em conhecer diferentes lugares de seis dos municípios que

integram o circuito. Percebe-se, entretanto, que diversos desses lugares não apresentam relação direta com a história do movimento do Contestado. Assim, o roteiro de dois dias é organizado da seguinte forma:

1º Dia
MAFRA
Museu da Terra e da Vida Maquetes da Guerra do Contestado
ITAIÓPOLIS
Monumento aos Imigrantes
Artesanato - Núcleo Histórico de Alto Paraguaçu
TRÊS BARRAS
Museu do Patrimônio Histórico
CANOINHAS
Ervateira Dranka Cervejaria Canoinhense
Doces e Fricotes

2º Dia CANOINHAS
Ervateira Dranka Cervejaria Canoinhense
Doces e Fricotes
IRINEÓPOLIS
Estância Hidromineral Águas de Valões
Casarão Domit
PORTO UNIÃO
Restaurante Portal das Palmeiras Parque Monge João Maria Museu Salustiano Costa
Junior Estação Ferroviária União (Roteiro Caminhos do Contestado. Disponível em:
<https://www.caminhosdocontestado.com.br/?p=roteiro>. Acesso: 10 dez. 2022).

Conforme mostra o roteiro acima os lugares sugeridos para visita não contemplam a maioria dos lugares de memória que registram de forma mais expressiva a memória do conflito, enfatizando a visita aos estabelecimentos privados, voltados ao desenvolvimento econômico da região, evidenciando o caráter comercial do roteiro, em detrimento da história, da memória e do patrimônio cultural relacionado ao passado do Contestado.

É fundamental dizer que a análise proposta nessa pesquisa detém-se principalmente nos lugares de memória que evidenciam, através de sua materialidade, diferentes formas de registro da memória do Contestado, seja através da identificação de lugares que marcaram o conflito, de personagens ou de diferentes alimentos que acabaram criando símbolos e alegorias que remetem a memória do Contestado. Com isso, pretende-se apresentar os principais lugares e suas produções materiais que integram os Caminhos do Contestado. Não se desconhece, entretanto, a complexidade e a diversidade de lugares - que podem ser chamados de lugares de memória - que remontam ao tempo do conflito e que ainda hoje são objeto de diversas pesquisas arqueológicas, que muito podem contribuir para se encontrar novos vestígios materiais da memória do Contestado, como mostram os estudos de referência nesse campo de investigação, publicados por Lino (2012a) e Lino e Symonds (2021).

O monumento construído em homenagem ao Monge João Maria pelo Centenário do Contestado está localizado no município de Matos Costa (SC). Trata-se de uma estátua entalhada em madeira de autoria do artista Itacir Bortoloso, de Porto União - SC. O monumento foi inaugurado em 01 de maio de 2012 e o objetivo foi prestar homenagem ao Monge João Maria e também rememorar os 100 anos da Guerra do Contestado.

Imagem 3 – Monumento ao Monge João Maria pelo Centenário do Contestado – Matos Costa (SC)



Fonte: Caminhos do Contestado (2015).

De acordo com as informações apresentadas no próprio sítio eletrônico dos Caminhos do Contestado, do ponto de vista da igreja o monge faz parte “da espiritualidade, das bênçãos, das crenças de um santo da saúde, da cura através de chás e é também uma forma de manter e resgatar essa cultura popular da região” (Caminhos do Contestado). A estátua tem lugar de destaque na cena urbana local, marcando espaço em frente à Igreja Matriz São João Batista, situada na rua Absalão Carneiro, no centro de Matos Costa.

Outro lugar de memória é o Pocinho do Monge João Maria, também localizado em Matos Costa. O local é uma propriedade particular e está às margens da rodovia que liga Matos Costa a General Carneiro – PR. Trata-se de uma vertente de água, considerada com propriedades milagrosas pela população. No local existe ainda um cruzeiro, cuja autoria seria do próprio monge.

Imagem 4 – Poçinho do Monge João Maria – Matos Costa (SC)



Fonte: Caminhos do Contestado (2015).

Um terceiro lugar de memória de Matos Costa que pode ser citado como relevante é o monumento erguido em homenagem ao capitão João Teixeira de Matos Costa. O monumento localiza-se em uma propriedade privada e registra o lugar onde ocorreu uma emboscada da Guerra do Contestado, na qual soldados e “jagunços” se enfrentaram em 1914, resultando na morte do capitão Matos Costa, que hoje dá nome à antiga localidade, então conhecida como São João dos Pobres. O lugar está localizado a 4km do centro da cidade.

Já no município de Calmon chama a atenção que, embora não exista nenhum lugar de memória associado do Contestado, a cultura local acabou produzindo um elemento que busca manter viva a memória do monge. Com isso, através do artesanato, tem-se na cidade o boneco do Monge João Maria, que é produzido e comercializado por artesãos locais, que buscam representar a figura do monge e da Guerra do Contestado através do boneco.

No município de Porto União encontra-se o Parque Monge João Maria. De acordo com a cultura popular do município, nesse local onde encontra-se o poço o monge e seu cavalo teriam descansado, fazendo do poço um lugar de memória que remonta ao período do conflito. Na tradição local, o poço serve na atualidade de espaço de devoção da fé popular e sendo inclusive para cerimônias de batismo. Conforme pode-se observar na imagem abaixo, as passarelas de madeira colocadas no local permitem aos turistas acessar o pocinho, considerado pelos populares como abençoado pelo monge.

Imagem 5 – Parque Monge João Maria – Porto União (SC)



Fonte: Caminhos do Contestado (2015).

Em contraposição aos lugares de memória que ganham relevo nos Caminhos do Contestado, o Vale de Santa Maria, conhecido como o maior e o último reduto do Contestado, localizado em Timbó Grande encontra-se em situação de abandono. O lugar que tem uma importância significativa na história do conflito, exatamente por ser o último reduto de resistência dos caboclos não recebeu nenhum cuidado e atenção que permitisse garantir a preservação dos vestígios que constituem o local, fazendo com que os mesmos desapareçam com o tempo.

Imagem 6 – Vale de Santa Maria - Timbó Grande (SC)



Fonte: Caminhos do Contestado (2015).

A figura do monge João Maria aparece como um elemento de grande importância nas construções que constituem os lugares de memória do Contestado, como é o caso de Monte Castelo, onde um monumento de grande expressividade foi erguido no centro da cidade, manifestando o sentimento de agradecimento ao monge e seus feitos no passado da região. O monumento é considerado pelos seus moradores como uma forma de manter viva na memória local a atuação religiosa do monge, líder do movimento de luta do povo caboclo do Planalto-norte de Santa Catarina, nas primeiras décadas do século XX.

Imagem 7 – Monumento ao Monge João Maria – Monte Castelo (SC)



Fonte: Caminhos do Contestado (2015).

Percorrendo os lugares de memória do Contestado percebe-se que existe uma grande incompatibilidade entre o roteiro de dois dias, proposto pelos idealizadores do projeto, e os lugares de memória listados e cujas fotografias são apresentadas no sítio eletrônico. Percebe-se que a expressiva maioria dos lugares de memória nem mesmo são mencionados no roteiro, que prioriza a visitação de espaços essencialmente voltados para a exploração comercial e que não estabelecem nenhuma relação com a história e a memória do Contestado.

Além dos lugares que constituem o roteiro de visitação turística dos Caminhos do Contestado, proposto para apenas 6 dos municípios ao longo de 2 dias, sugerido no sítio eletrônico da associação, encontram-se mais 6 municípios, cujos lugares de memória são apresentados em outra aba de acesso e, através da qual, se pode acessar os lugares de memória do Contestado. Pode-se então acessar as fotografias e um breve texto informativo sobre cada lugar.

Nesse estudo se torna impossível identificar e analisar todos os lugares mencionados nos Caminhos do Contestado, e dessa forma optou-se por uma discussão que permitisse mostrar, ainda que em parte, como determinados lugares selecionados para integrarem os Caminhos do Contestado, são apropriados e até mesmo recriados, na perspectiva de se construir cenários mais atrativos aos visitantes, mas sem relação com a história e os fatos do conflito do Contestado. Com isso, esses lugares acabam se constituindo em espaços artificiais e sem historicidade, não constituindo-se, portanto, como lugares de memória.

Um desses locais - talvez um dos com maior expressividade no contexto turístico da região - localiza-se no município de Irani. Lá se localiza o Sítio Histórico e Arqueológico do Contestado e onde ocorreu o primeiro combate oficial da Guerra do Contestado, conhecido como o Combate do Irani. Nesse local encontram-se vários elementos simbólicos do Contestado, como a sepultura do monge José Maria, o Cemitério do Contestado, o Museu

Histórico Monge José Maria e também o Monumento do Contestado. A administração e preservação do local é de responsabilidade da Fundação Cultural Memória Viva do Contestado (Sítio Histórico e Arqueológico do Contestado).

Imagem 8 – Sepultura do Monge José Maria, Sítio Histórico e Arqueológico do Contestado - Irani (SC)



Fonte: Caminhos do Contestado (2015).

Imagem 9 – Monumento do Contestado



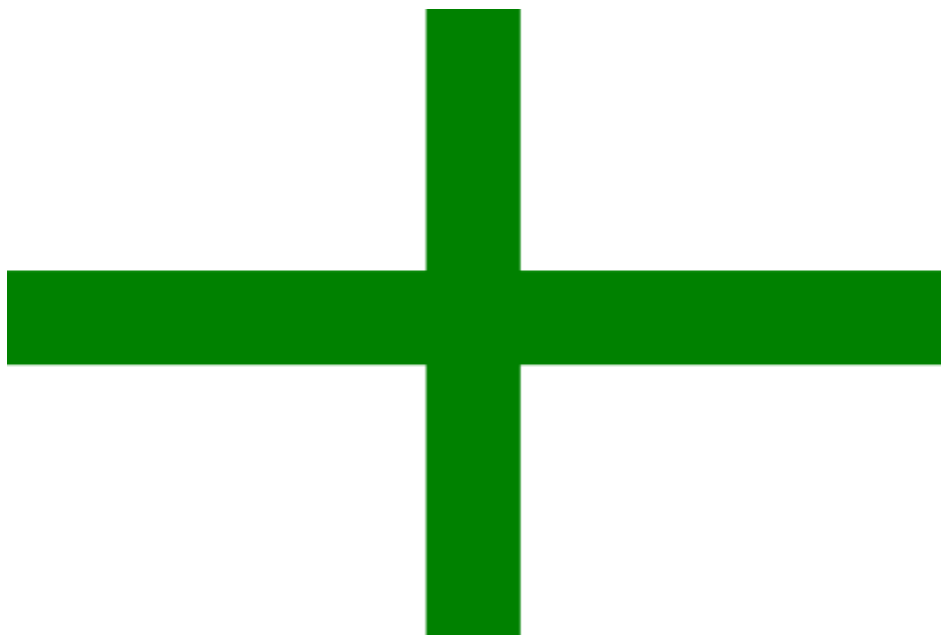
Fonte: Guia de Turismo SC (2022)

De acordo com a pesquisa realizada por Richter (2003) houve no início dos anos 2000 a criação do projeto que buscou construir o Parque Temático do Contestado em Irani. O projeto construído com apoio do governo estadual, municipal e da Fundação Memória Viva do Contestado foi apresentado em 2001 e previu a construção de um conjunto de estruturas, como finalidade claramente turística.

O projeto visava a construção de um anfiteatro para apresentações, uma Casa de Memória, uma igreja denominada Capela do Monge, dois terminais de trem e uma linha férrea que deveria percorrer o trajeto dentro do parque, cobertura de proteção nos locais onde ocorreram os combates, o túmulo do monge e a vala dos 21 onde seriam sepultados outros personagens que morreram em combate. O projeto previa ainda a construção de uma pequena cidade, chamada de Cidade Santa e que teria o formato de uma cruz e 24 edificações com diversas simbologias. Entretanto, a maior parte dos elementos previstos no projeto não foram construídos (RICHTER, 2003).

No mesmo contexto, em 2001 o governador de Santa Catarina, Esperidião Amin Helou Filho, através da Lei nº 12.060 de 18 de dezembro de 2001, reconheceu a bandeira do Contestado como símbolo do estado, dando visibilidade e notoriedade a memória do movimento sociorreligioso do Contestado. A bandeira segue o mesmo modelo daquela utilizada pelos sertanejos durante o conflito.

Imagem 10 – Bandeira do Contestado



Fonte: Wikipedia (2022)

A problemática que envolve a produção das representações da guerra do Contestado é discutida com bastante propriedade na pesquisa publicada por Motta (2016) que foca sua análise no conjunto das produções simbólicas sobre o Contestado no município de Irani, ampliando o debate sobre o tema.

Outro ponto turístico relacionado ao movimento do Contestado é a Reserva Florestal do Contestado, localizado no município de Caçador e caracteriza-se, segundo a descrição

apresentada pelo sítio eletrônico do Portal de Turismo de Caçador, como “um santuário ecológico que preserva araucárias, imbuías, cedros e outras árvores centenárias”.

Entretanto, não existe nenhuma menção a origem do nome dado ao local, que embora denuncie de forma direta sua relação como o movimento sociorreligioso, não explica tal relação, deixando em dúvida qual seria o fato ocorrido no lugar.

Imagem 11 – Reserva Florestal do Contestado, Caçador – SC



Fonte: Caçador. Portal de Turismo (2018)

Além dos lugares de memória associados de forma mais direta aos protagonistas do movimento sociorreligioso do Contestado pode-se identificar a criação de lugares de memória que buscam evidenciar a atuação das forças oficiais e também os próprios combatentes, representados na maioria das vezes, como agentes do progresso e de civilização, que atuaram contra os revoltosos, interpretados nessas imagens e representações como sinônimo da barbárie e da selvageria.

Jaisson e Symonds (2021) mencionam a importância que desempenham lugares como os cruzeiros, as grutas, as fontes d'água, as formações naturais, as igrejas, as estações ferroviárias, os quadros santos e até mesmo os cemitérios na construção dos lugares de memória sobre o Contestado nas diferentes localidades que constituíram a área original do conflito. Como exemplos pode-se observar o caso da fonte d'água em Curitibaanos, que presta homenagem ao monge João Maria e também as ruínas da Estação Ferroviária entre o Rio das Antas e Caçador (SC), cujas imagens aparecem abaixo.

Imagem 12 – Fonte d'água em Curitibaanos (SC): monumento Monge João Maria



Fonte: Memórias de Curitibaanos (2022)

Imagem 13 – Ruínas da Estação Ferroviária entre Rio das Antas e Caçador (SC)



Fonte Lino (2012).

Em sua pesquisa, Lino (2012) destaca ainda a produção dos lugares de memória associados à ação do Estado e dos próprios combatentes que lutaram contra os revoltosos e que procuraram criar e demarcar lugares que materializam sua atuação, exaltando elementos de civilidade e de luta contra a barbárie representada pelos seus adversários no conflito. Exemplos dessas construções são as ferrovias, os engenhos de serrar, as serrarias, os redutos, as guardas avançadas, as fortificações e trincheiras, os acampamentos militares e os campos de batalha.

Esses lugares, em sua maioria, foram preservados e utilizados no sentido de registrar a memória da guerra, buscando difundir um imaginário positivo sobre a atuação das autoridades da época e cuja memória foi alvo de manipulação de determinados grupos sociais, preocupados em contar uma história do Contestado a partir dos grandes feitos militares.

Na imagem abaixo aparece um dos lugares de maior atração turística. Trata-se do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, que localiza-se em Caçador e que tem, junto ao prédio que abriga o museu, uma locomotiva e dois vagões de trem, que busca representar a estrada de ferro, elemento de destaque na construção da memória do conflito do Contestado. O museu se constitui a partir de diferentes ambiências e procura registrar parte da memória do Contestado, servindo, além de atrativo turístico, para diversas ações pedagógicas voltadas para a educação patrimonial e para a difusão da história do conflito.

Imagem 14 – Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado (Caçador - SC)



Fonte: Caçador (SC) (2022).

Além dos lugares de memória que procuram registrar a memória do Contestado, um fato curioso chama a atenção quando acessamos o sítio eletrônico dos Caminhos do Contestado. Através da página da associação são divulgados diversos eventos promovidos nos municípios que integram o roteiro turístico. O fato que chama atenção é a diversidade de festividades que ocorrem nos municípios e que, embora diretamente ligados ao Caminhos do Contestado, não estabelecem nenhuma relação com a história do movimento sociorreligioso.

É preciso lembrar que a história do Contestado está diretamente ligada a presença do caboclo que se constituía na maioria da população da região à época do conflito. Entretanto é notória a invisibilidade desse grupo social no tempo presente, uma vez que sua cultura e manifestações culturais nem mesmo são mencionadas na página oficial da associação. Por outro lado, prevalece uma imagem estereotipada de uma região que oferece em seu calendário de comemorações e celebrações anuais, festas ligadas à cultura dos imigrantes europeus que chegaram à região e contribuíram para o processo de imigração e colonização da região do planalto norte-catarinense.

Como exemplos disso tem-se a Caminhada da natureza alusiva à independência da Polônia, em Itaiópolis; a Caminhada noturna de Porto União, com várias comidas típicas e

chopp; a III Caminhada Ecológica e Cultural do circuito ucraniano de Iracema; a VII Festa do Trator de Irineópolis, que tem o maior desfile de tratores do Brasil; o Festival Gastronômico da Primavera no qual são comercializados diversos pratos refinados da gastronomia internacional. Ainda assim, na própria página da associação encontra-se a afirmação de que as festividades e comemorações promovidas pelos municípios que integram os Caminhos do Contestado são “permeados pelos trilhos do trem, testemunhos de importantes acontecimentos históricos” (CAMINHOS DO CONTESTADO).

É importante reafirmar que a análise proposta não busca desqualificar ou diminuir a importância dos Caminhos do Contestado, mas avaliar e discutir, à luz das teorias sobre memória, lugares de memória e turismo cultural, sobre as possibilidades de se reavaliar o processo que envolve a criação de um roteiro que permita melhor conhecer os lugares de memória do Contestado, sem com isso se perder os elementos essenciais da história do conflito e que se possa recuperar e dar visibilidade, também a memória dos caboclos, que parecem estar esquecidos nesse enquadramento de memória dos Caminhos do Contestado.

5 OS LUGARES DE MEMÓRIA DOS MUCKER

Em relação à dinâmica de observação sobre as representações sociais e a estruturação dos lugares de memórias dos Mucker em Sapiranga, retoma-se o que a historiadora Sandra Pesavento (2002, p.162) define como de “ressemantização do tempo e do espaço”. Segundo a autora, é essencial a caracterização das mudanças referentes ao contexto econômico, político, social e cultural, pois possibilita uma efetiva interpretação das figuras sociais criadas em um contexto definido.

Desta forma, a presente análise parte do reconhecimento de que a construção sobre os lugares de memória dos Mucker deu-se inicialmente como uma maneira de exteriorizar os sentimentos divergentes que parte da comunidade local nutria em relação ao grupo - sobretudo a desaprovação e antipatia por eles. Uma das representações mais concretas em relação a essa rejeição é a idolatria à figura do coronel Genuíno Sampaio, responsável por liderar as tropas que derrotaram os Mucker.

Percebe-se que nesse dinamismo da construção de representações a respeito dos Mucker, foram evocadas vivências, sentidos e valores que possuem relevância na comunidade (PESAVENTO, 2002). Desta forma, a figura da líder Jacobina representou uma ‘mancha’ no passado do local - sobretudo pelo fato de que ela representou um papel de oposição em relação aos novos desejos almejados pela sociedade após o fim do conflito.

A representação de duas figuras tão antagônicas reforça a fala de Carvalho (1990, p.14), para o qual “o processo de ‘heroificação’ inclui necessariamente a transmutação da figura real, a fim de torná-la arquétipo de valores ou aspirações coletivas”, fato este aplicado às figuras de Jacobina Maurer e Genuíno Sampaio. Também é necessário ressaltar que, para além das contribuições para a significação das figuras dos Mucker, há ainda o que Halbwachs compreende por ‘significado dos lugares de memória’. A partir deste, busca-se investigar os determinantes para a construção dos lugares de memória dos Mucker na cidade de Sapiranga.

A análise dos processos de construção dos lugares de memória deve partir da significação que estes lugares refletem. Desta forma, torna-se evidente a criação destes lugares

de memória dos Mucker nos mais diversos pontos da cidade: monumentos, praças, instituições para os quais Choay (2001) atribui um papel de advertir ou de lembrar, principalmente no que diz respeito às emoções daqueles que ainda habitam esse território.

Ao investigar-se o morro Ferrabraz - palco do conflito e ponto central dos Caminhos de Jacobina - percebe-se que ele tem um papel fundamental no decorrer do conflito Mucker. Tanto o Morro quanto seus arredores foram locais de moradia de diversas famílias que envolveram-se no conflito e na batalha, que teve como desfecho a derrota dos Mucker. Seu papel central no desenrolar do conflito fez com que a construção de um imaginário popular social sobre ele, principalmente em relação às interpretações e imagens que difundiram-se acerca do conflito, fosse propagado através das mais diversas manifestações na literatura, cinema, historiografia e documentação.

A geografia intrincada de contornos do Morro fazia com que os tropeiros que por ali passassem vislumbrassem a imagem do Fier-à-bras, monstro do folclore sarraceno que possuía a feição de um gigante e que figurava nas canções de gesta da Europa medieval. Atualmente o Morro é um dos principais pontos turísticos da cidade, atraindo diversos turistas e atletas de esportes radicais em função das práticas de voo-livre - fato este que confere à cidade o título de Capital Nacional do Voo Livre (GEVEHR, 2015).

O Morro Ferrabraz, para além de palco das práticas de Jacobina e João Jorge Maurer, também era residência de muitos Mucker. Este fato confere a ele um simbolismo de grande importância sobre o passado Mucker. Sua altura de 634 metros em relação ao nível do mar traz imponência sobre o cenário da cidade: ele pode ser visto com facilidade por moradores residentes de todos os bairros.

Uma das representações de esforços na construção dos lugares de memória dos Mucker, sobretudo em relação à monumentalização, é o túmulo localizado no Cemitério do bairro Amaral Ribeiro, com a figura do Morro Ferrabraz delineando o horizonte ao fundo da imagem.

Imagem 15 – Túmulo do Cemitério do Amaral Ribeiro



Fonte: Acervo dos autores.

A sepultura, que foi construída pela própria comunidade no ano de 1874, é a primeira representação monumental do conflito. Ela homenageia quatro combatentes do conflito Mucker que morreram em batalha (GEVEHR, 2015). A sepultura, sobretudo a lápide, possui diversos escritos em alemão - língua dos moradores da colônia à época do embate. Por outro lado, há dezenas de Mucker assassinados que foram enterrados em uma vala simples, na qual também jazem os restos mortais de Jacobina. A sepultura encontra-se próxima onde, anos após, foi construído um monumento em homenagem ao coronel Genuíno Sampaio.

O monumento alusivo à Genuíno Sampaio e a Cruz de Jacobina, ambos construídos ao pé do Morro Ferrabraz, também são considerados lugares de memória do movimento Mucker. O coronel, líder do movimento militar que dissipou os Mucker, foi morto em combate no dia 21 de julho de 1874. A construção do monumento foi uma iniciativa de um jovem morador da cidade, de nome Reinaldo Scherer, que foi o responsável por atribuir a Genuíno Sampaio a figura de herói militar. A construção do monumento ocorreu no ano de 1931, e sua inauguração deu-se no ano seguinte.

O evento, que contou com a presença de diversas autoridades locais, também teria sido o palco de uma suposta entrega da bíblia que teria pertencido à Jacobina à Câmara de Vereadores de São Leopoldo. Entretanto, não há registros oficiais que comprovem tal fato. Faz-se necessário ressaltar que esta suposta entrega trazia consigo o simbolismo de confiança nas autoridades para a guarda e preservação dos símbolos e crenças de Jacobina, de forma a impedir a volta do fanatismo religioso.

Imagem 16 – Monumento do Coronel Genuíno Sampaio



Fonte: Acervo dos autores.

Em contrapartida, a construção da cruz que identifica o local no qual Jacobina foi assassinada de forma brutal com 16 de seus seguidores no dia 02 de agosto de 1874, não possuiu a mesma pompa e glorificação dada ao líder militar. Há indícios que a colocação da cruz de madeira deu-se apenas 36 anos depois, no ano de 1910.

Não há qualquer registro oficial acerca da inauguração do monumento, seja por meio de fotografias, documentos ou atos oficiais. Isso demonstra que não havia interesse público em despertar a atenção da sociedade acerca dos eventos ocorridos, principalmente para que não houvesse reminiscências das emoções e lembranças da comunidade acerca dos fatos.

Imagem 17 – Cruz da Jacobina



Fonte: Acervo dos autores.

A cruz de Jacobina e o monumento em homenagem ao coronel Genuíno podem ser considerados como símbolos que demarcam espaços (PESAVENTO, 2002), e englobam múltiplos significados contraditórios. A visão maniqueísta da sociedade, que atribui significação de “bem” e “mal” aos fatos e personagens descritos, explica em partes a criação do imaginário social acerca dos Mucker.

A construção de um monumento dedicado à figura de Jacobina ocorreu apenas no século XXI, no ano de 2006 (GEVEHR, 2015). A construção de uma praça com o nome da líder Mucker e de um monumento que a representasse foi uma iniciativa do vice-prefeito do município à época, Fernando da Cunha. O lançamento da obra cinematográfica *A Paixão de Jacobina*, inspirado na obra literária *Videiras de Cristal*, de Luiz Antônio de Assis Brasil, deu à figura e à cidade uma projeção nacional. A partir de então Jacobina foi transformada em heroína: em seu monumento é possível encontrar inclusive um pequeno perfil biográfico dela, com autoria do doutor em história, Daniel Gevehr.

Imagem 18 – Monumento de Jacobina



Fonte: Acervo dos autores.

Acerca do imaginário social, é necessário ressaltar que seus pontos de referência e de lembrança são os lugares de memória, os quais Pierre Nora (1993) considera fundamentais para o registro da memória. Desta feita, acredita-se que tanto a sepultura do cemitério do bairro Amaral Ribeiro, quanto a cruz de Jacobina, seu monumento e o monumento do coronel Genuíno Sampaio exerçam um papel fundamental como lugares de memória da comunidade, sendo cruciais no desenvolvimento da construção do imaginário popular sobre os Mucker.

Para além dos lugares que retomam a lembrança dos Mucker, é possível encontrar outros lugares de memória que representam o conflito ocorrido em Sapiranga. Algumas ações realizadas pela comunidade possuem o intento de manter viva a lembrança do período: a criação do Clube 19 de Julho, fundado em 1901, cujo dia e mês fazem referência ao dia em que a residência de Jacobina teria sido tomada pelas forças imperiais em 1874. A despeito da falta de evidências documentais ou testemunhos orais para corroborar a hipótese, a data escolhida possui grande significado para a comunidade.

Além do Clube 19 de Julho, outro lugar de memória é o Instituto Coronel Genuíno Sampaio, criado em 1937 e situado na zona central da cidade de Sapiranga. A principal escola pública da cidade foi nomeada através do Decreto nº 6702 em 27 de agosto de 1937, com o intuito de homenagear um dos protagonistas do conflito e manter viva a lembrança da comunidade, que diariamente circula pelos arredores do local.

O CTG Pedro Serrano, inaugurado em 24 de junho de 1952, também faz homenagem a um dos personagens da época: Pedro Schmidt. Também conhecido como Pedro Serrano, ele foi o líder local das tropas de Genuíno, lutando ao lado do coronel na batalha travada no morro Ferrabraz. Com este feito, Pedro teve seu nome enraizado na memória da comunidade.

Após a emancipação da cidade de Sapiranga no ano de 1955 - que até então respondia à cidade de São Leopoldo, a administração municipal deu início a diversos procedimentos importantes para a construção de símbolos e titulações de espaços da cidade. Entretanto, os homenageados por estas ações sempre eram os opositores do movimento: ruas, avenidas e praças da cidade levam o nome daqueles que atacaram os Mucker.

A partir do ano de 2002, após o lançamento do filme *A Paixão de Jacobina*, a administração municipal encabeçou um movimento para modificar a nomenclatura de diversos espaços da cidade de forma a homenagear os derrotados no conflito. Este contexto de grandes mudanças possibilitou que os Mucker, até então vistos como divergentes e perversos, fossem ressignificados e transformados em figuras promotoras do desenvolvimento do turismo local. Conforme José de Meneses (2004, p.21) a história e o turismo cultural, em suas delimitações conclusivas, *monumentalizam eventos e musealizam existências*. Nesse contexto, observa-se o papel que os Mucker e Jacobina passaram a ter em relação ao crescimento do turismo local, sobretudo a partir do ano de 2002.

Por conta do reconhecimento na literatura e na cenografia brasileira, Jacobina e os Mucker passaram a ter novas interpretações, de forma que os possibilitou atenderem aos novos interesses econômicos e políticos locais. Tais interpretações incluíam uma possibilidade de inserir o município no mapa turístico nacional - a criação dos *Caminhos de Jacobina* no ano de 2001 foi um dos esforços para consolidar o município enquanto ponto turístico de relevância.

Caminhos de Jacobina é resultado de um projeto entre o Departamento de Turismo da Prefeitura Municipal de Sapiranga e o SEBRAE, de 2001. A partir da implementação deste projeto, foi possível que a comunidade vivenciasse lugares de memória dessemelhantes, de forma que a história da cidade - até então negligenciada- tornou-se motriz do desenvolvimento turístico local. A ressignificação do passado Mucker foi um dos fatores que viabilizou o desenvolvimento do município.

A construção de símbolos no decorrer do projeto de desenvolvimento turístico da cidade inclui a criação do logotipo criado para identificar os *Caminhos de Jacobina*. Ele é composto por uma imagem do busto de Jacobina visto de perfil, justaposto ao título *Caminhos de Jacobina*. A evidência dada à líder Mucker, sobretudo no uso de sua imagem para fomentar o turismo da cidade, aponta para uma ressignificação de Jacobina e de seu papel na história da cidade.

A representação de Jacobina como uma mulher guerreira é apontada como uma das justificativas para esse enaltecimento materializado pelo projeto em questão. Esse enaltecimento da figura de Jacobina se contrapõe à gradativa diminuição do papel de Genuíno paulatinamente condenado a uma participação coadjuvante. Cabe observar, no entanto, que mesmo após essa valorização de Jacobina, e que deu origem ao roteiro turístico, ela continuou sendo apresentada como alguém que liderou um *grupo de fanáticos religiosos* e que teria se autodenominado *reencarnação de Cristo* - descrição presente no texto impresso no folder *Conheça Sapiranga*. O texto do documento em questão teve a participação de nenhum

historiador em sua elaboração. Ele chama a atenção por reconstituir um cenário marcado por armas de guerra, fogo e gritos, recriando o ambiente no qual Jacobina foi assassinada.

Ao descrever Jacobina, ele a apresenta como uma figura folclórica e controversa, líder de um grupo apresentado como *uma pequena comunidade de fanáticos religiosos que se formou ao pé do morro Ferrabrás*. O ambiente de mistério que envolvia o morro Ferrabraz é recriado através de expressões como *gritos terríveis, triste episódio, profundo espírito religioso e fanáticos religiosos*, reforçando, ainda, a associação entre mistério e fanatismo.

Outra parte importante dos *Caminhos de Jacobina* é o lugar conhecido como *Colônia de Jacobina*, considerado um dos pontos turísticos mais explorados do roteiro. O lugar, que serviu de cenário para as filmagens da *Paixão de Jacobina*, está situado no alto do Morro Ferrabraz, na localidade de Picada Schneider, zona rural de Saporanga.

Entre os diferentes lugares de memória construídos sobre os Mucker, situa-se a *Pedra Branca de Jacobina*. Ao destacar-se na paisagem, a pedra atrai a atenção dos turistas e visitantes que sobem o Morro para a prática do vôo livre ou para contemplar a paisagem. A placa que identifica a *Escadaria na Pedra Branca de Jacobina* informa que aquele seria o local escolhido por Jacobina para abrigar-se dos ataques militares. Entretanto, sabe-se que a informação apresentada não é verdadeira, haja vista que o local correto no qual os Mucker abrigam-se foi aquele onde situa-se a Cruz de Jacobina.

Imagem 19 – Pedra Branca



Fonte: Acervo dos autores.

Há ainda uma caverna no Morro Ferrabraz que é sucessivamente associada aos Mucker: lá seria o suposto local de guarda de mantimentos, armas e do próprio grupo durante os ataques. Os fatos demonstram a veiculação de informações supostamente históricas, mas que nem sempre são fiéis aos fatos documentados e apresentados pela historiografia.

Ao identificar os lugares de memória dos Mucker é possível perceber que há diferentes motivações para sua criação, de acordo com os diferentes momentos da história. Tanto Jacobina Maurer quanto Genuíno Sampaio foram os personagens escolhidos para representarem a comunidade, seja do lado Mucker, seja do lado de seus opositores. Embora Jacobina tenha sido primeiramente apresentada como uma líder de atitudes e condutas questionáveis, o coronel Genuíno toma o posto de herói, que sacrificou sua vida para combater o grupo desonrado. Com

o passar do tempo - mais precisamente a partir da década de 1990- , a inversão de papéis torna Jacobina uma heroína, e renega ao coronel um mero papel de coadjuvante na história.

No que diz respeito a análise da construção dos lugares de memória e das representações sociais que envolvem os Mucker na cidade de Sapiranga, observa-se o que Pesavento (2002, p.162) chama de “ressemantização do tempo e do espaço”. Conforme a autora, é necessário compreender que tanto as transformações socioeconômicas, quanto às políticas e culturais são fatores imprescindíveis para a assimilação das representações sociais em um determinado contexto histórico.

Sob essa perspectiva, pode-se dizer que foram “evocados sentidos, vivências e valores” (PESAVENTO, 2002, p. 16) durante o processo de construção das representações sobre os Mucker. Observa-se uma representação de Jacobina como uma “mancha” no passado da cidade, em contraste com as novas ambições da sociedade que se transformava após o conflito. Jacobina transformava-se então em um exemplo a não ser seguido.

As pesquisas elaboradas por Gevehr (2012; 2014; 2015; 2020) são as únicas publicações que abordam o conflito Mucker sob a perspectiva dos lugares de memória. A escolha dos dois personagens antagônicos no conflito evoca Carvalho (1990, p.14), para o qual “a transmutação da figura real, a fim de torná-la arquétipo de valores ou aspirações coletivas” é parte imprescindível no processo de ‘heroificação’ de ambos.

A construção dos Caminhos de Jacobina difere em relação aos Caminhos do Contestado principalmente pelo fato de que o primeiro não possui sugestão de roteiro. Esse fato dá ao turista a liberdade de construção de seu próprio itinerário. Há também o fato de que não existe uma página eletrônica oficial acerca dos Caminhos, além da ausência de estabelecimentos comerciais ou outros empreendimentos que estejam vinculados a ele. Com isso, toda a manutenção e gestão dos lugares de memória fica a cargo da administração municipal.

Em contrapartida, percebe-se que há diversas tentativas de vinculação aos Mucker por parte de empreendimentos privados de cidades da região. Observam-se exemplos bastante curiosos - que vão desde uma academia de ginástica até uma fábrica de esquadrias, além de um pomar - todos denominados Mucker. Ainda que esses empreendimentos se valham da nomenclatura Mucker não encontram-se, em seus materiais de apresentação e divulgação, nenhuma relação com a história do conflito, o que leva a acreditar que se trata apenas de uma estratégia de marketing para chamar a atenção.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível que, especialmente a partir das duas primeiras décadas do século XXI, se tem um novo olhar sobre os movimentos sociorreligiosos e, de forma mais particular, sobre o processo que envolve a produção de lugares associados a esses movimentos. Além das pesquisas que problematizam os lugares de memória e seus significados, buscando compreender como a memória foi alvo de diversas manipulações e enquadramentos, em especial por parte dos grupos vencedores, se faz necessário observar o crescente processo que envolve a apropriação dessa memória por parte de diferentes grupos, em especial nas duas últimas décadas, no sentido de construir lugares e fomentar o turismo, desconsiderando a própria história dos movimentos em questão.

Nesse contexto, percebem-se alguns marcos significativos dessas novas abordagens, com grande apelo comercial e turístico, transformando os lugares de memória em atrativo turístico, o que sem dúvida contribui para a preservação e difusão da memória. Por outro lado, deve-se observar o risco que se corre quando esses lugares são tomados apenas como espaços de exploração comercial ou até mesmo transformados em sua essência, criando-se elementos artificiais que não tem nenhuma relação com o passado.

O que se quer dizer é que a criação de roteiros turísticos, como os Caminhos do Contestado e os Caminhos de Jacobina podem contribuir positivamente para o registro e difusão de uma memória dos conflitos, porém tomando-se o cuidado para que não se criem, nesse percurso, lugares, fatos e personagens cujas imagens e representações possam se mostrar deslocadas, artificializadas ou até mesmo inventadas, na perspectiva de se teatralizar o passado com propósitos comerciais.

No caso dos Caminhos de Jacobina percebe-se um novo enquadramento da memória, no qual no passado, Jacobina era tida como a uma mancha que borrava a imagem da região. A partir dos anos 2000, porém, ela foi ressignificada e Genuíno, tido como herói no passado, se transformou em personagem secundário. Com isso Jacobina venceu na luta pelas representações, sendo reconhecida pelos e nos Caminhos de Jacobina. O mesmo processo aconteceu nos Caminhos do Contestado, onde percebe-se de forma evidente que a memória do monge venceu a luta pelas representações, transformando-se no personagem principal que acompanha o roteiro que percorre os diferentes lugares de memória do Contestado.

A criação dos lugares de memória dos Mucker e do Contestado revelam parte dos conflitos internos presentes na dinâmica dos próprios conflitos, que uma vez encerrados os combates, estabeleceram uma luta simbólica pela produção de representações sobre o conflito, a partir das suas próprias perspectivas e interesses do grupo. Essa contradição e a tentativa de se enaltecer e/ou apagar determinados elementos do passado se mostram como parte dessa luta pelo enquadramento da memória.

Ambos os conflitos produziram efeitos que foram compreendidos, sentidos e reelaborados pelas comunidades que vivenciaram os fatos e conseqüentemente produziram diferentes registros de memória sobre os dois movimentos socioreligiosos. É enfático que em ambos os contextos ocorreu um movimento de articulação que teve como propósito a apropriação da memória dos movimentos socioreligiosos no sentido de implementar um projeto de desenvolvimento turístico. Todavia, em ambos os projetos percebe-se claramente que, ainda que a história e a memória dos movimentos socioreligiosos sejam o ponto de convergência, prevalece o propósito comercial, voltado para o turismo e o desenvolvimento de diversas atividades associadas ao turismo, como a gastronomia, artesanato, práticas esportivas e outros serviços oferecidos por empreendedores locais.

Uma análise mais apurada dos lugares que constituem os Caminhos do Contestado e os Caminhos de Jacobina permitem identificar diversas questões presentes no processo de ressignificação de ambos os conflitos, aparecendo questões de ordem religiosa, étnica, de classe e também ideológica, que acabaram silenciando ou enfatizando determinadas visões, que acabaram materializadas através dos lugares de memória. Daí ser possível compreender os porquês da destruição de alguns lugares, como da casa de Jacobina no Ferrabraz, no caso dos Mucker, e das moradias de grande parte dos caboclos, no caso do Contestado.

Por outro lado, a preocupação em identificar e manter viva na memória os lugares de morte dos seus combatentes se revela como um elemento importante que contribuiu, durante muito tempo, para a celebração da vitória dos combatentes e para a difusão de uma memória que condenou Jacobina e o João Maria a ocupar o lugar de culpados e responsáveis pelos "horrores da guerra". No caso dos Mucker aparece uma líder feminina, enquanto no Contestado se tem a presença do monge. Em ambos os casos o fanatismo religioso é empregado para se criar uma imagem negativa, porém no caso de Jacobina se dá ênfase ao fato de se tratar uma mulher, trazendo à tona uma complexa discussão de gênero.

Já em relação ao contexto de luta pelas representações e pelo enquadramento da memória é fundamental dizer que ambos os Caminhos têm forte apelo turístico, na medida em que concentram suas ações na criação de um roteiro que prioriza a visitação de lugares voltados para o lazer e o consumo. Esse elemento aparece com muito mais destaque no caso do Contestado, onde existe uma associação responsável pelo engajamento e a oferta de diversos produtos turísticos, que nem sempre estão vinculados ao passado do Contestado. Enquanto isso, no caso dos Mucker não existe nenhuma associação responsável, ficando a gestão dos Caminhos a cargo exclusivo da prefeitura municipal e quase que com total ausência da iniciativa privada, que não se mostra interessada na oferta de serviços e produtos vinculados à "marca" Caminhos de Jacobina. Nesse caso, não existe, nem mesmo um serviço permanente de transporte que permite aos turistas percorrerem o roteiro, ficando a cargo dos visitantes se guiarem através das placas indicativas colocadas ao longo do percurso.

Finalmente, cabe destacar o fato de que essa pesquisa não buscou desqualificar o papel desempenhado pela atividade turística no contexto dos dois cenários marcados pelo passado dos movimentos sociorreligiosos. Ao contrário, buscou-se problematizar sobre a necessidade de se pensar os Caminhos do Contestado e os Caminhos de Jacobina a partir de um diálogo interdisciplinar, que permite pensar a necessidade de articular as questões de memória, dos lugares de memória, de cuidado e preservação e ao mesmo tempo de se pensar estratégias adequadas de desenvolvimento do turismo, promovendo com isso o acesso e a difusão da memória histórica e o desenvolvimento dos municípios, através da geração de emprego, renda e contribuindo para a preservação do patrimônio cultural do Contestado e dos Mucker.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína. **Conflito social no Brasil: a revolta dos Mucker**. São Paulo: Símbolo, 1978.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. **Videiras de cristal: o romance dos Muckers**. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- AURA, Marli. **Guerra do Contestado: a organização da Irmandade Cabocla**. Florianópolis: Ed. DA UFSC, 1984.
- BARROS, José d'Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BIEHL, João Guilherme. **Jammerthal, O Vale da Lamentação: crítica à construção do messianismo mucker**. 1991. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Filosofia, UFSM. Santa Maria, 1991

BLACHE, Vidal de La. **Princípios de geografia humana**. Lisboa: Cosmos, 1982.

CAÇADOR (SC). **Portal de turismo**: Reserva florestal do Contestado. 17 abr. 2018. Disponível em: <https://turismo.cacador.sc.gov.br/post-4334/>. Acesso em 05 out. 2022.

CAÇADOR (SC). **Turismo e eventos de Caçador**: Museu do Contestado. Caçador, 2022. Disponível em: <https://www.cacador.net/turismo-eventos-de-cacador>. Acesso em: 04 nov. 2022.

CAMINHOS DO CONTESTADO. Associação de Desenvolvimento do Turismo. Canoinhas, 2015. Disponível em: <https://www.caminhosdocontestado.com.br/?p=home>. Acesso em: 05 out. 2022.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CARVALHO, L.F.N. Entre a lembrança e o esquecimento: implicações do descaso Patrimonial para arte funerária do rio grande do sul. ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS - ENTRE TERRITÓRIOS. 19. 2010. Bahia. **Anais [...]**. Bahia, 2010. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/chtca/luiza_fabiana_neitzke_de_carvalho.pdf. Acesso em: 23 fev. 2023.

CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo**: memória e fim do fim da história. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2011.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Person Prentice Hall, 2007.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 4. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt. **Afetos e circunstâncias**: um estudo sobre os Mucker e seu tempo. 1996. Tese de Doutorado (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1996.

DOMINGUES, Moacyr. **A Nova Face dos Muckers**. São Leopoldo: Rotermund, 1977.

ESPIG, Márcia Janete. **Personagens do Contestado**: os turmeiros da estrada de ferro São Paulo Rio Grande (1908-1915). 2008. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2008.

FEITOZA, P. F. B. **Patrimônio cultural da nação: tangível e intangível**. 2014. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/26883904/patrimonio-cultural-da-nacao-tangivel-e-intangivel-revistasuea->. Acesso: 10 dez 2022.

GERHARDT, T. E. **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GEVEHR, Daniel Luciano. A líder dos Mucker na narrativa jesuítica de Ambrósio Schupp e a produção de uma memória sobre a personagem central do conflito. **Estudos Teológicos** (Online), v.52, p.158-171, 2012. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/257/334. Acesso em: 16 fev 2023

GEVEHR, Daniel Luciano. Abaixo os miseráveis! Morram os assassinos! - os soldados avançam sempre: a heroização do Coronel Genuíno Sampaio na batalha contra os Mucker. **História: Debates e Tendências**, v. 14, p. 49-62, 2014. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/4164/2687>. Acesso em: 16 jan 2023

GEVEHR, Daniel Luciano. Entre a cruz e a espada: a batalha simbólica pela produção da imagem e dos lugares de memória dos Mucker. **História em Revista** (UFPel), v. 17-18, p. 115-127, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/view/12351/7741>. Acesso em: 16 fev 2023

GEVEHR, Daniel Luciano. **Pelos Caminhos de Jacobina: memórias e sentimentos** (res)significados. 1. ed. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

GEVEHR, Daniel Luciano. Um capítulo da história da imigração reinventado através dos lugares de memória: o caso do conflito Mucker. **MOUSEION** (UNILASALLE), v. 36, p. 25-37, 2020. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/download/7233/pdf>. Acesso em: 16 de jan 2023

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LEMOS JÚNIOR, C. B. Patrimônio cultural: conceitos, proteção e direito pela educação patrimonial. **Revista do Curso de Direito do UNIFOR**, Fortaleza, v.3, n.2, p.50-61, 2012. Disponível: <https://periodicos.unifor.br/21011/ojs/index.php/cursodireitounifor/article/view/136/164>. Acesso em: 16 fev. 2023

LINO, Jaisson Teixeira. **Arqueologia industrial: ruínas de estação ferroviária entre Rio das Antas e Caçador**. ResearchGate, jan. 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-6-Arqueologia-industrial-Ruinas-de-Estacao-Feroviaria-entre-Rio-das-Antas-e_fig1_336040368. Acesso em: 03 nov. 2022.

LINO, Jaisson Teixeira. Heranças materiais de uma guerra: os cemitérios do Contestado, Sul do Brasil. **Revista Esboços**, v. 19, n. 28, p. 13-30, 2012b. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2012v19n28p13>. Acesso em: 15 fev 2023.

LINO, Jaisson Teixeira; SYMONDS, James. Arqueologia da Guerra do Contestado (1912-1916): conflito, cultura material e memória. **Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 15, n. 1, p. 5-25, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/15894>. Acesso em: 15 dez. 2022

LINO, Jaisson. A cultura material da Guerra do Contestado como documento histórico. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 25, n. 36, p. 45-70, 2012a. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/1152>. Acesso em: 16 fev. 2023

MENESES, José Newton Coelho. **História e turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MORO, Alisson. Guerra do Contestado inspira concurso de poesias. **Guia da semana**, 03 maio 2013. Disponível em: <https://www.guiadasemana.com.br/arte/noticia/guerra-do-contestado-inspira-concurso-de-poesias>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MOTTA, Ana Paula. Mãos de cimento: as representações da Guerra do Contestado no imaginário de Irani, Santa Catarina. **REVISTA NEP** (Núcleo de Estudos Paranaenses), Curitiba, v.2, n.5, p. 25-54, dezembro 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/nep/issue/view/2241>. Acesso em 15 dez. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p.7-28, dez. 1993.

PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

RIBEIRO T, LINO JT. A Resistência Sertaneja na Guerra do Contestado: Reflexões Sobre o Ataque À Estação Ferroviária São João dos Pobres, 1914. **Revista Grifos**, v. 30, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/5276>. Acesso em: 23 fev. 2023.

RICHTER, Fabio Andreas. A Guerra do Contestado: elaborações e transformações na Memória e Patrimônio Cultural. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH. 27. 2013. **Anais [...]**. Natal: ANPUH, 2013, p.1-16. Disponível em: https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364434077_ARQUIVO_Contestadoelaboracoestransformacoememoriapatrimonio-FINAL.pdf. Acesso em 10 dez. 2022.

SCHUPP, Ambrósio. **Os Muckers**. 2. ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, [19--].

THOMPSON, E. P. A. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOMPOROSKI, A. A. Turismo como estratégia para desenvolvimento territorial do Contestado: o caso exemplar do território Castilha-La Mancha. **Informe GEPEC**, v. 20, n. 2, p. p. 28–37, 2016. DOI: 10.48075/igepec.v20i2.15528. Disponível em: <https://e- revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/15528>. Acesso em: 6 nov. 2022.

TOMPOROSKI, Alexandre A. **O Polvo e seus tentáculos**: a Southern Brazil Lumber and Colonization Company e as transformações impingidas ao Planalto Contestado, 1910-1940. Tese (Doutorado em História). 282f. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

WIKIPEDIA. **Bandeira do Contestado**. Disponível em:
https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bandeira_do_Contestado.svg. Acesso em: 03 nov. 2022.